

**Lima Barreto e João Antônio:  
rastros de uma literatura à margem**

**Andreia Aparecida Pantano**

Doutora em Letras – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP),  
Assis, São Paulo

 <https://orcid.org/0000-0002-2970-5616>  
E-mail: [andreia.pantano@unesp.br](mailto:andreia.pantano@unesp.br)

**Francisco Cláudio Alves Marques**

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Assis, São Paulo

 <https://orcid.org/0000-0003-2752-8879>  
E-mail: [fransclau@gmail.com](mailto:fransclau@gmail.com)

**Resumo:** Neste texto procuramos estabelecer algumas aproximações entre os escritores Lima Barreto e João Antônio, com base nos contos “Frio”, de João Antônio, publicado em 1963 em seu livro *Malagueta, Perus e Bacanaço*, e “O Moleque” (1920) e “O Filho de Gabriela” (1915), de Lima Barreto. Os referidos contos permitiram-nos pensar sobre a situação de exclusão e marginalidade dos chamados “invisíveis”, posta pelos referidos escritores, de modo que, através do olhar desses autores, conseguimos enxergar na contemporaneidade situações que, apesar de temporalmente distantes, nos parecem muito próximas. Em vista disso, a metodologia empregada para a realização deste texto envolveu uma leitura atenta dos contos e do referencial teórico específico sobre o tema.

**Palavras-chave:** Lima Barreto; João Antônio; Literaturas à margem.

**Lima Barreto e João Antônio: traces of a marginal literature**

**Abstract:** In this text we seek to establish some connections between the writers Lima Barreto and João Antônio, based on João Antônio’s short story “Frio”, published in 1963 in his book *Malagueta, Perus e Bacanaço*, and Lima Barreto’s short stories “O Moleque” (1920) and “O filho de Gabriela” (1915). These texts made us think about the situation of exclusion and marginality of the so-called “invisible”, as presented by these writers, so that, through their eyes, we can see in contemporary times situations that, despite being temporally distant, seem very close to us. In view of this, the methodology used involved the careful reading of the short stories as well as the specific theoretical framework on the topic.

**Keywords:** Lima Barreto; João Antônio; Marginal literature.

**Texto recebido em: 12/03/2024**

**Texto aprovado em: 14/06/2024**

## Introdução

É provável que tenha sido sua experiência no sanatório, em 1970, que levou João Antônio Ferreira Filho a se tornar um leitor e admirador de Lima Barreto, pois foi no Sanatório da Muda, situado na Tijuca, Rio de Janeiro, em que esteve internado, que o jornalista e escritor paulistano releu toda a obra de Lima Barreto, tendo sido fortemente atraído pela fidelidade com que o escritor carioca descreveu os problemas sociais enfrentados pela população carioca e brasileira entre o final do século XIX e início do XX.

Assim como Lima Barreto, que fora internado por duas vezes em um hospício no Rio de Janeiro, e transformou essa experiência manicomial em literatura, tanto no conto “Como o Homem Chegou” (2010) como no romance *Diário do Hospício* (1919), o escritor paulistano João Antônio também fez dessa mesma experiência literatura ao publicar *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*, em 1977.

Esses dois escritores, como argumenta Clara Ávila Ornellas (2011), representaram indiscutivelmente, por meio da literatura, homens vivendo à margem da sociedade, os ditos marginalizados, e, além disso, ambos “eram dois apaixonados pelo Brasil e suas ‘aldeias’” (Ornellas, 2011, p. 17). Lima Barreto, carioca da gema, morador do subúrbio, mulato, carregava consigo a experiência e as histórias de sua aldeia, da rua, do bairro, do botequim, dos transeuntes, dos personagens da famosa Rua do Ouvidor, tão bem retratada por Machado de Assis.

Por outro lado, João Antônio, cuja estreia na literatura se deu em 1952, com a publicação de contos, em jornais, que antecederam *Malagueta, Perus e Bacanaço* (1963), irá descrever o espaço urbano da periferia paulistana, e esta descrição memorialística tem como palco as ruas da grande São Paulo, de modo que é neste cenário, às vezes esboçado à sombra da noite, que encontramos os malandros Malagueta, Perus e Bacanaço a tentarem a sorte no mundo dos botequins. Vale ressaltar que, em 1964, João Antônio muda-se para o Rio Janeiro, passando a colaborar no *Jornal do Brasil*. Dessa forma, as questões sociais relativas ao espaço urbano carioca, captadas pelo olhar atento do escritor/jornalista, também foram narradas e publicadas e, portanto, tornadas literatura.

Ornellas salienta que, em João Antônio, os personagens tateiam nas ruas e espaços públicos de uma cidade que se apresenta como uma “arena de guerra”, onde muitos subsistem e vagam

pelos salões de sinuca buscando encontrar ‘presas’ para conseguir dinheiro delas e, dessa maneira, garantir suas refeições, o aluguel do quartinho ou barraco onde vivem – os restos que a cidade lhes oferece e ainda o preço e, muitas vezes, o valor a ser pago é a própria vida desses seres (Ornellas, 2011, p. 29).

A autora destaca ainda, como fazendo parte desse universo hostil, as crianças, o menino do conto “Frio”, “Mariazinha Tiro a Esmo” e o pequeno Paulinho Perna Torta, os quais, “desde a infância transitam pelo território da marginalidade, demonstrando a sociedade ruída em sua gênese ao representar a busca da sobrevivência como imperativo categórico de suas vidas, sem qualquer chance para a inocência do universo infantil.” (Ornellas, 2011, p. 29).

Para esta análise, selecionamos o conto “Frio”, de João Antônio, na tentativa de estabelecermos possíveis correlações e distinções entre o escritor carioca, Lima Barreto, e o paulistano, João Antônio, quanto ao tratamento literário dado ao tema do submundo. Quando analisamos alguns contos de Lima, percebemos, assim como constatado também por Ornellas (2011), que ele não se deteve na questão da infância, como o escritor João Antônio havia feito, eis, portanto, uma diferença notável entre ambos os escritores. Lima Barreto, por sua vez, ao escrever os contos “O Filho de Gabriela” (1915) e “O Moleque” (1920), constrói Narrativas que demonstram uma preocupação “com a formação intelectual das crianças” (Ornellas, 2011, p. 30). Talvez porque o ambiente sociocultural de Lima apresente peculiaridades que o tornam diferente do das ruas e da realidade do escritor paulistano. O fato é que os dois autores escreveram e denunciaram a caótica situação dos menos favorecidos, de uma população que, cada um à sua época, se encontrava irremediavelmente à margem da sociedade.

Desse modo, além de apontarmos algumas correlações e distanciamentos entre os contos citados, partiremos da própria condição desses escritores, considerados “malditos” pela crítica da época, para verificarmos como ambos trabalharam literariamente temas como a miséria, a precariedade da gente do subúrbio, a vida nas ruas etc. Cabe ressaltar que o termo “maldito”, para se referir

a esses escritores, se explica pelo fato de terem tratado de temas sensíveis, como a angústia de homens, mulheres e crianças que subsistem à margem da sociedade.

### **Os contos: histórias às margens....**

Narrado em terceira pessoa, o conto “Frio”, de João Antônio, tem como personagem principal um menino de apenas dez anos de idade, apelidado de “Nego”, que tem a incumbência, ordenado pelo seu “protetor”, Paraná, de levar um embrulhinho branco a pé do centro da cidade até o bairro das Perdizes. Nego era “Pequeno, feio, preto e magrelo” (Antônio, 2020, p. 59); caminhando pela noite e tendo como companhia apenas o “Frio”, o menino vai relembrando as pessoas, as conversas, a menina Lúcia, o padeiro, o próprio Paraná, enfim, as imagens que timidamente fazem parte da sua infância roubada. O Frio é sentido, relatado pela personagem do conto em vários momentos, quase adquirindo um estatuto de personagem:

Frio. Quando terminou a Duque de Caxias na Avenida São João. (...) Eta frio! (Antônio, 2020, p. 62).

O pezinho direito subia e descia na calçada e o menino sentia muito frio. (Antônio, 2020, p. 63).

Frio. Canseira. (Antônio, 2020, p. 64).

Ainda olhou para a avenida. Frio. (Antônio, 2020, p. 64).

Frio, o vento era bravo (...). Um arrepio. Que frio, danado! Entrava nos ossos. (Antônio, 2020, p. 65).

Além do frio, a sensação de medo invade a cena, seja o medo de ser descoberto com um embrulhinho desconhecido, medo de ser pego por alguém ao invadir o ferro velho, medo dos guardas, medo quando Paraná não estava por perto. E, assim, aquele corpo frágil, pequeno, trêmulo e cansado, caminha pelas ruas de São Paulo elaborando, em sua memória, um mapa do caminho, experimentando uma sensação muito semelhante àquela descrita por Walter Benjamin (1985) no ensaio “Experiência e Pobreza”: “Ao cansaço segue-se o sonho, e não é raro que o sonho compense a tristeza e o desânimo do dia, realizando a existência inteiramente simples e absolutamente grandiosa que não pode ser realizada durante o dia, por falta de forças.” (Benjamin, 1985, p. 118).

Ao escreverem sobre essas populações marginais, João Antônio e Lima Barreto estavam, cada um ao seu modo, sugerindo a literatura como uma via para pensarmos as inúmeras contradições existentes na sociedade, com vistas a uma reflexão sobre a exclusão, sobre a marginalização das minorias que, na verdade, são a maioria.

João Antônio cresceu e viveu na região de Presidente Altino, conhecia muito bem os problemas da Grande São Paulo, ou seja, os subúrbios paulistanos com suas personagens e tipos, tais como o jogador de sinuca, a prostituta, a criança abandonada, os malandros, os favelados, os mendigos, enfim, todos os *bas-fonds* comuns à periferia e ao subterrâneo da sociedade. Adotamos aqui o termo *bas-fonds* porque o universo descrito por João Antônio nos leva a pensar nas representações descritas por Dominique Kalifa em seu livro *Os bas-fonds: história de um imaginário* (2017), em que o autor descreve a geografia das ruas, dos bordéis, da miséria humana, do submundo, e analisa esse cenário montado involuntariamente nas ruas e lugares das grandes cidades, habitados pelos “indesejáveis”. Segundo Kalifa,

Os *bas-fonds* correspondem sempre a lugares – são espeluncas, pátios dos milagres, albergues noturnos, penitenciárias – todos marcados por uma propensão natural a se afundar, em um movimento sempre descendente. ‘Subsolos’, ‘avessos’, ‘bairros baixos’, que mergulham nas profundezas daquilo que Balzac chamava de ‘caverna social’. Mas, conforme as concepções ambientalistas que dominam há muito tempo o pensamento médico, os lugares se articulam sempre com o caráter, as topografias são sempre, também, ‘morais’. Três traços, estreitamente vinculados, parecem definir esse estado: a miséria, o vício e o crime. (...) Os *bas-fonds* são assim lugares, estados e, por fim, indivíduos. O povo dos *bas-fonds* se declina em uma interminável lista: toda a legião de ‘malfeitores’, todos aqueles – prostitutas, mendigos, ladrões, assassinos, vagabundos, trapeiros, detentos etc. – que nasceram da fecundação imunda do vício, do crime e da miséria (Kalifa, 2017, p. 12-14).

Imerso nesse universo dos *bas-fonds*, João Antônio fotografa o cotidiano de um menino de apenas dez anos de idade, abandonado e entregue às ruas em uma noite fria. Talvez essa opção sugira uma preocupação em criar uma narrativa que abarque a totalidade desse universo humano, expondo, assim, as individualidades, a exclusão e a marginalização da população que vive nas ruas, à margem de qualquer amparo social e afetivo.

O menino do conto, como mencionado, não é nomeado, e essa anonimidade demonstra a universalidade dessa história, pois a situação vivenciada por Nego não se restringe apenas aos caminhos, ou à vida pessoal de um menino em particular, mas a de vários outros meninos que se encontram na mesma situação, pois, morando nas ruas não se tem individualidade, muito menos nome. O que resta ao menino do conto? Qual o destino reservado para ele? Qual o desfecho da história de alguém que perambula solitário pelas ruas de uma metrópole como São Paulo?

Emerge, da escrita de João Antônio, uma crítica à dura realidade de crianças que, uma vez abandonadas, seja pela família ou pelo próprio Estado, tornam-se invisíveis para a sociedade, passam despercebidas. A negligência com a infância, bem como a miséria da população periférica, era uma preocupação constante na obra de João Antônio, e aparece retratada também no conto “A visita”, em que ele descreve, com traços bem realísticos, o bairro e o cotidiano das crianças que por ali perambulam:

A vila é bem mesquinha, rodeada de fábricas, dezenas de bares, três igrejas, um grupo escolar. O casario feio abriga mal gente feia, encardida, descorada. Nos meus cinco meses de vagabundagem eu me acordava tarde, tarde, e podia ver melhor aquilo. Ia aos bares. As ruas com seus monturos, cães e esgotos, muitas vezes me davam crianças que saíam do grupo escolar. Não me agradavam aqueles pés no chão movendo corpinhos magros. Qualquer ignorante podia perceber que aquilo não estava certo, nem era vida que se desse aos meninos. Eu saía do botequim, chateado e fatalmente enveredava mal. Encabulação, cachaça, erradas, desnorreava-me no jogo. Um sentimento confuso, uma necessidade enorme de impingir que não era culpado de nada. Os meninos iam magros porque iam. Culpada era a vila ou alguém ou muitos. Eu também engolia aquele pó, igualmente amassava aquele barro, aguentava aquela vida cinzenta (Antônio, 2020, p. 73).

Essa consciência, esse sentimento confuso e essa voz destoante e descontente, que não quer calar, reverbera aquela que caracteriza a escrita de Lima Barreto, denunciadora das mazelas sociais do início do século XX, haja vista que, no Rio de Janeiro da época, alguns temas e tensões estavam enraizados no seio da sociedade, tais como a violência, os problemas urbanos, a falta de solidariedade, a miséria e, sobretudo, a corrupção, que começa a ganhar fôlego já nos primeiros decênios da República. Com todas essas tensões adentrávamos na modernidade, com várias reformas sendo realizadas no Rio de Janeiro, sem planejamento e sem

sentimento, aliás, pretendia-se afastar os *bas-fonds* dos centros, pois tais reformas visavam expurgar das principais vias da cidade a população negra e pobre.

Sobre esse turbilhão de acontecimentos, Nicolau Sevcenko (1999) fornece um panorama do caos social que se estampou, em 1909, no centro do Rio de Janeiro, com destaque para as moradias precárias, habitadas por vários indivíduos e em condições insalubres, homens, mulheres e crianças “entulhadas” no mesmo espaço, como se mercadorias fossem. Entretanto, o historiador nos chama a atenção para a situação ainda pior dos morros buscados pelos miseráveis, que não conseguiam sequer pagar os míseros tostões cobrados pelo aluguel dos cômodos. E era exatamente dessas mazelas, do desemprego, da penúria, do alcoolismo, do racismo, que Lima Barreto pretendia falar, como ele mesmo muitas vezes confessou.

O trecho do conto “A visita”, de João Antônio, citado anteriormente, em muito se assemelha à descrição que Lima Barreto faz do subúrbio pobre carioca no conto “O Moleque”, conto que, numa perspectiva decolonial, “representa um projeto nacional brasileiro de criminalizar cidadãos pobres e, sobretudo, negros periféricos”, centrado na figura do protagonista Zeca, que busca elaborar uma linguagem própria ao fantasiar-se de diabo, numa espécie de reação anticolonial (Chagas, 2022, p. 53). No referido conto, o apelo às sensações e aos odores é bem mais marcado que em João Antônio:

É um subúrbio de gente pobre, e o bonde que lá leva atravessa umas ruas de largura desigual, que, não se sabe por quê, ora são muito estreitas, ora muito largas, bordadas de casas e casitas sem que nelas se depare um jardinzinho mais tratado ou se lobrigue, aos fundos, uma horta viçosa. Há, porém, robustas e velhas mangueiras que protestam contra aquele abandono da terra (Barreto, 2010, p. 143).

Destaca-se, em Lima Barreto, a perseguição da polícia aos cultos ancestrais, reforçada pela ideia da fuga para os morros daqueles que têm a fé como único lenitivo para as mazelas geradas pela exclusão social decorrente, sobretudo, das mudanças anunciadas e colocadas em prática durante o processo de modernização / “higienização” da cidade do Rio de Janeiro:

Fogem para lá, sobretudo para seus morros e escuros arredores, aqueles que ainda querem cultivar a Divindade como seus avós. Nas suas redondezas, é o lugar das macumbas, das práticas de feitiçaria com que a teologia da polícia implica, pois não pode admitir nas

nossas almas depósitos de crenças ancestrais (Barreto, 2010, p. 143).

Percebe-se, nos dois contos, a preocupação em descrever os subúrbios: em João Antônio temos a descrição dos subúrbios paulistanos esquecidos pelo poder público, feios, cinzentos, em que mulheres, homens, operários, crianças magras, de pé no chão, assim como ele um dia caminhou, perambulam por entre vielas amassando barro, eis o traço autobiográfico no conto, além da sensação de impotência que acomete o narrador, testemunha ocular dos fatos. O que fazer, como mudar essa situação experimentada por tantos corpos magricelos, com essa infância perdida?

Se no conto de João Antônio recria-se uma periferia cinzenta e esquecida, no conto “O Moleque”, de Lima Barreto, a descrição do subúrbio Inhaúma, no Rio de Janeiro, tão recorrente em seus contos, sugere o abandono e a pobreza que caracterizam o bairro, lugar em que se cultuam os ancestrais à revelia da ordem policial estabelecida, aliás, o escritor carioca sempre esteve atento e procurou denunciar as intromissões da polícia nesse universo.

Em João Antônio percebe-se a inquietação com a infância roubada, tão próxima ao mundo do crime; em Lima Barreto, “depreende-se a preocupação (...) com a infância de sua época, que estava sendo roubada pela classe dominante e pelo poder público” (Ornellas, 2011, p. 30). Em “O Moleque”, Zeca não frequentava a escola, pois ajudava a mãe, lavadeira, nos afazeres do dia a dia.

Por outro lado, no conto “O filho de Gabriela”, também de Lima Barreto, o menino protagonista é batizado pelos patrões de sua mãe, recebendo o nome de Horácio, e acaba sendo adotado por estes por ocasião da morte de sua genitora. Assim como o autor do conto, o menino também é mulato, tendo caído na orfandade muito precocemente. Horácio recebe educação patrocinada pelos seus responsáveis, assim como Lima Barreto, que recebeu ajuda do Visconde de Ouro Preto com os materiais escolares. Eis as linhas de semelhanças, temáticas e autobiográficas, entre a personagem e o autor, numa espécie de ficcionalização da vida real.

O pessimismo e a tomada de consciência da situação testemunhada são características comuns a ambos os autores. No caso do autor carioca, o pessimismo revela-se diante da situação caótica vivida pela maioria da população negra carioca da primeira metade do século XX, moradora dos subúrbios, que não consegue

transpor os limites entre as fronteiras da marginalidade e os centros. Tal pessimismo tem origem na própria situação de humilhação que o escritor carioca sofria de forma recorrente. Em vários momentos, o próprio Lima Barreto narra essas experiências brutais, como no dia em que, quando ainda criança, fora acusado de roubo, ou quando fora levado em um carro forte pela polícia para o hospício, na condição de indigente. De acordo com o seu biógrafo, Francisco de Assis Barbosa (2017, p. 228-291), “Lima Barreto foi internado no hospício em duas ocasiões, a primeira em 18 de agosto de 1914 a 13 de outubro, e, em 1919 ocorre a segunda internação na noite de Natal, mais uma vez o escritor foi cruelmente levado pelo carro forte da polícia em direção ao hospício.”

Assim como Lima Barreto, o boêmio João Antônio transformou o cotidiano em literatura, um cotidiano impregnado das gírias das ruas que o inspiraram a transpor essa linguagem para o interior de sua obra, ou seja, colocando-a na boca de suas personagens, que, sem rodeios, buscam a sobrevivência sem ilusões. Outra correlação temática entre os dois escritores é o niilismo. Este sentimento é recorrente na escrita barretiana:

Há cousas que, sentidas em nós, não podemos dizer. A minha melancolia, a mobilidade do meu espírito, o cepticismo que me corrói – cepticismo que atingindo as cousas e pessoas estranhas a mim, alcançam também a minha própria entidade –, nasceu da minha adolescência feita nesse sentimento da minha vergonha doméstica, que também deu nascimento a minha única grande falta (Barreto, 1956, p. 77).

Lima Barreto foi um escritor e jornalista atento não somente aos fatos de sua aldeia, aos problemas de sua cidade, haja vista que sua literatura colocava em pauta também questões globais, de modo que escreveu contos, crônicas ora fazendo críticas à Primeira Guerra Mundial, ora comentando a Revolução Russa, mas sempre se posicionando contra a violência gerada por esses eventos. Inquieto como era, não se calava diante das contradições inerentes aos fenômenos sociais analisados à luz de sua visada crítica, fosse no Brasil ou em terras estrangeiras.

Apropriando-se da linguagem jornalística corrente em suas respectivas épocas, Lima Barreto e João Antônio transformaram fatos em matéria literária, procedimento verificável também em Dostoiévski, admirado e presente na biblioteca de Lima Barreto, assim como no acervo pessoal de João Antônio, o qual se encontra no Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa - CEDAP da FCL/UNESP-Assis

desde 1998. Além de Dostoiévski (1821-1881), Leon Tolstói (1828-1910), e este último até mais do que o primeiro, influenciou e foi admirado tanto por Lima como por João Antônio, mas não é nossa intenção, pelo menos neste momento, estender a discussão em torno dessa temática. No entanto, dada a proximidade dos escritores brasileiros com o jornalismo, invocamos a figura de Dostoiévski, uma vez que tanto Lima Barreto e João Antônio mantinham estreita ligação com o jornalismo e a imprensa da época. O escritor russo, ao lado de seu irmão, criou os jornais *Tempo* (1863) e *Época* (1865), conforme Joseph Frank:

Geralmente não se pensa absolutamente em Dostoiévski como um jornalista, talvez porque muitas das ideias que ele exprime sejam tão desagradáveis aos olhos dos admiradores de sua arte. Mas, apesar disso, ele *foi* um jornalista, extremamente influente e bem-sucedido durante a década de 1870, quando seu *Diário de um Escritor*, publicado em fascículos mensais, foi a folha mais lida que jamais apareceu na Rússia. Mesmo antes, durante os anos 60, foi incansável colaborador de artigos polêmicos para as duas revistas que publicava junto com o irmão (*Tempo e Época*) (Frank, 1999, p. 310. Grifos do autor).

A novela “A dócil”, ou “Uma doce criatura” de Dostoiévski, publicada em 1876, por exemplo, baseou-se em uma notícia publicada em um jornal de São Petersburgo, *O novo tempo*, que, na época, havia noticiado uma série de suicídios, inclusive o de uma costureirinha, a qual, levada pela miséria, se suicidou agarrada à imagem da Virgem. Tal fato impressionou Dostoiévski, levando-o a escrever a novela, como argumentou o tradutor da narrativa, Vadim Nikitin, em *Dois narrativas fantásticas: A dócil e O sonho do homem ridículo* (2003). Dostoiévski define a referida narrativa como fantástica, apesar do tom bem realista, pois o fantástico reside, segundo o autor russo, em sua estrutura, ou seja, na forma como os acontecimentos são descritos pelo autor. Essa aproximação da realidade com a ficção permite que fatos, muitas vezes, se tornem matéria literária, e, conseqüentemente arte, operação presente nos dois escritores brasileiros estudados neste trabalho.

Para Alfredo Bosi (2017), a história do escritor Lima Barreto revela as características do seu texto, mulato, jornalista e amanuense. Desde cedo o escritor carioca percebeu que era necessário se posicionar, denunciar a situação miserável dos homens do seu tempo. Sua literatura traduz a angústia de um intelectual do

século XX que percebeu os vários conflitos, problemas ora sociais, ora políticos, os quais se evidenciavam no Brasil republicano.

Lima Barreto não foi um autor convencional, principalmente pelo fato de ter problematizado a realidade, sobretudo ao denunciar as mazelas da sociedade brasileira, diferenciando-se da maioria dos autores de seu tempo. Um escritor confesso, eis uma das características da escrita barretiana, pois registrou, tanto no *Diário íntimo* como no *Diário do hospício*, escritos entre os anos de 1919 e 1920, suas memórias, suas contradições, sua vida envolta a uma suposta loucura levada pelo abuso do álcool.

Utilizando-se de uma linguagem direta, sem floreios, o autor carioca utilizou-se de alguns recursos para elaborar suas composições seguindo uma linha diametralmente oposta àquela dos parnasianos, tão em voga à época, e propositadamente alimentou suas crônicas com cenas tomadas de empréstimo às ruas do Rio de Janeiro, como argumentou Alfredo Bosi: “nos romances de Lima Barreto há, sem dúvida, muito de crônica: ambientes, cenas quotidianas, tipos de café, de jornal, (...) às vezes só mencionados ou mal esboçados, naquela linguagem fluente e desambiciosa.” (Bosi, 2017, p. 340).

A adoção de uma linguagem objetiva e direta foi a forma que o jornalista e escritor carioca encontrou para compor uma narrativa sem artifícios, e criar seus personagens, os quais se encontravam fragmentados e buscavam reconhecimento no contexto de uma sociedade elitista como era aquela atuante na Nova República. Pode-se afirmar que Lima Barreto e João Antônio foram muito originais em sua escrita, e tal originalidade vem desse viés comum a ambos, com a devida preocupação em registrar e denunciar a realidade percebida, ou seja, os problemas sociais, as amarguras dos homens excluídos.

Em João Antônio, as agruras e a discriminação sofrida pela população marginalizada são ficcionalizadas e problematizadas; a prostituição, a criança abandonada, a busca pela subsistência, foram temas também contemplados pelo escritor. Lima Barreto, por sua vez, criou vários personagens e deu destaque àqueles que habitavam os subúrbios da antiga capital do Brasil, o Rio de Janeiro. Compunham esse cenário, assim como em João Antônio, desempregados, vagabundos, bêbados, políticos, jornalistas, acadêmicos, feministas, futebol, República, entre outros fatos que, à época, frequentavam também o universo jornalístico.

Nessa crítica social, seja em forma de crônica, contos, textos autobiográficos, ou ficção, prevalecia a ironia, pois a realidade observada era tão fantástica, como afirmou uma vez Dostoiévski, que o próprio Lima Barreto, para entendê-la, ou melhor, tentar denunciá-la, necessitava apelar para a ironia com vistas a dar conta de explicar o inexplicável.

Pelo fato de conhecer muito bem o universo das ruas, João Antônio fermentou sua escrita com a oralidade dos becos, praças e botequins, aproximando, desse modo, a literatura das questões sociais, das questões dos homens do seu tempo, expressando a solidão e a amargura humana. Ao evocar tal cenário, que retratava os marginalizados, esses escritores, particularmente Lima Barreto, foram objurgados pelos críticos da época que, inclusive, evitavam mencioná-los em suas críticas e resenhas.

Em *Os Bruzundangas*, escrito em 1917, Lima Barreto questiona agudamente a literatura produzida pelos escritores da época, especialmente pelo fato de ignorarem as questões urgentes dos infelizes.

Domina nos grandes jornais e revistas elegantes da província a opinião de que a arte, sobretudo a de escrever, só se deve ocupar com a gente rica e *chic*; que os humildes, os médicos, os desgraçados, os feios, os infelizes não merecem atenção do artista e tratar deles degrada a arte (Barreto, 2017, p. 155).

Melancolia e frustração invadem o espírito do autor carioca, que esperava despertar polêmicas com a publicação de *Isaias Caminha*, mas isso não aconteceu, como argumentou seu biógrafo, Francisco de Assis Barbosa (2017). A dor provocada pelo silêncio da imprensa e pela complexa vida familiar, pois a situação financeira de Lima Barreto era bem precária, acompanhou a sua breve e inquietante vida.

Admirador de Lima Barreto, João Antônio buscou na literatura uma aproximação com o jornalismo. Apesar de terem vivenciado épocas distintas, tanto o primeiro quanto o segundo compartilharam com seus leitores as angústias dos homens de seu tempo. Os espaços frequentados por Lima Barreto estão distantes, geográfica e temporalmente, dos espaços assistidos pela escrita de João Antônio, no entanto, ambos esboçam literariamente o retrato de um Brasil que parece enfrentar os mesmos problemas sociais desde os primórdios da colonização.

Ao retratar e dar voz aos marginalizados, ambos os escritores estavam aproximando a literatura da realidade, transformando-a em arte. Nesse sentido,

encontramos em seus textos literários o abandono / solidão, a situação trágica que subjuga tanto o homem da modernidade, no caso de Lima Barreto, como o homem da pós-modernidade, que frequenta as páginas de João Antônio.

A intuição de captar o cotidiano e denunciá-lo traduz a concepção de Lima Barreto sobre qual seria o destino da literatura, qual seja, em alguma medida refletir sobre a solidariedade. Isso decorre que, tanto para Lima Barreto como para João Antônio, a literatura deveria refletir os problemas do homem, ou seja, voltar-se para aqueles que são humilhados e ofendidos. Neste caminho surge uma literatura que irá abarcar os problemas existenciais e sociais, e uma literatura que é a própria vida, pois quem é o menino do conto “Frio” se não o menino vivenciado por tantas outras crianças que vagam sonâmbulos e cansados pelas ruas das metrópoles?

Ao comporem suas personagens, os dois escritores criaram esboços literários de figuras periféricas, porém, podemos enxergar marcas distintas nestes processos de criação, como observa Ornellas:

Não é possível mais imaginar que o personagem urbano de Lima Barreto que observa o movimento da nascente metrópole, mesmo tendo consciência crítica do espaço, encontre igual lugar na literatura do autor paulistano. Sim, também em João Antônio observam-se seres refletindo sobre si mesmos ao contemplar o espaço citadino, à semelhança do que ocorre em Barreto. Contudo, esses personagens são muito diversos daqueles do início do século. Na obra barretiana observam-se traços do indivíduo que começa a se fragmentar, não tendo um lugar na sociedade e buscando conquistar um espaço de reconhecimento social. Em João Antônio, mais de cinquenta anos depois de Lima, não há mais o indivíduo, há massas amorfas que se misturam ao concreto da cidade, tornando-se silenciosas externa e internamente (Ornellas, 2011, p. 25).

As personagens barretianas estão sempre em busca de suas individualidades, tentando refazer suas experiências em meio a um processo permeado por rupturas. Personagens fragmentadas, textos (obras) incompletas revelam o sujeito da modernidade, sujeito este fraturado. Nesse sentido, a escrita de Lima pode revelar também uma literatura em construção, haja vista que o autor escreveu parte das suas obras em tiras de papel e essa forma de escrita parece ter sido necessária, pois como escreveu Lilia Schwarcz (2010), o autor escrevia também durante o seu trabalho e, para nós, essa narrativa em tiras tem um significado metafórico, especialmente por remeter à crise da subjetividade barretiana, que, naquele momento de sua vida, encontrava-se esfacelada. Talvez um dos motivos

tenha sido o próprio momento histórico, a modernidade, a República, o bovarismo da sociedade, além das teorias racialistas e a eugenia.

Se na literatura de Lima Barreto o indivíduo ainda permanece, o mesmo não ocorre na obra de João Antônio, como salientou Ornellas (2011), quando este afirma que não há mais a presença do indivíduo, mas “massas amorfas”. Essa referência à individualidade diluída, flutuando entre os escombros das grandes cidades, nos remete ao texto do filósofo alemão Walter Benjamin, “Experiência e Pobreza”, de 1933. Neste ensaio há uma crítica à modernidade, pois, com o seu advento, fomos perdendo a habilidade de contar histórias:

Não, está claro que as ações da experiência estão em baixa, e isso numa geração que entre 1914 e 1918 viveu uma das mais terríveis experiências da história. Talvez isso não seja tão estranho como parece. Na época, já se podia notar que os combatentes tinham voltado silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos (Benjamin, 1985, p. 114-115).

Essa reflexão de Benjamin traduz o sentimento daqueles homens que vivenciaram a barbárie da Primeira Guerra Mundial e não conseguiram descrever o horror presenciado e vivido por seus corpos. Essa invasão da modernidade e da técnica na vida humana gerou “massas amorfas”, que vagavam e olhavam as cidades e suas cores, mas não se reconheciam mais, como o menino do conto “Frio”, que na noite fria, apesar de todos os percalços e contratempos, reflete e sonha, e talvez sonhe porque tem “só dez anos” (Antônio, 2020, p. 59).

### **Considerações finais**

Ao abranger o universo daqueles que se encontravam à margem da sociedade, na periferia, Lima Barreto e João Antônio recriaram uma forma de problematizar as questões relacionadas à vida, de modo que é a vida que pulula de seus contos, que respira em suas obras.

Os contos estudados, “Frio”, de João Antônio, e “O Moleque” e “O Filho de Gabriela”, de Lima Barreto, expressam a originalidade e a preocupação desses escritores em humanizar e discutir temas relativos às questões sociais de seu tempo. Em “Frio”, João Antônio retrata o abandono da infância ao colocar em cena um menino que perambula pelas ruas a fim de entregar um embrulho, o que sugere

sua marginalização. Em Lima Barreto, encontramos marcas de sua própria trajetória turbulenta: um menino mulato que, tal como suas personagens, já na tenra infância sentiu na própria pele a dor do preconceito.

Os dois escritores, ao longo de suas breves vidas, fizeram de sua escrita um palco para o estabelecimento de uma aguda crítica social, no entanto, a forma como relataram suas experiências e percepções acerca do mundo demonstra a originalidade no tratamento da matéria literária, principalmente quando se utilizam da linguagem das ruas, com suas cores e tonalidades, e sem reservas. E, assim, vimos atuar nos cenários montados no palco da ficção, a malícia, a picardia, a angústia; o malandro, o pivete, o operário, os desocupados, enfim, o homem engolfado por todas as complexidades relacionais e existenciais.

Ao discutirmos as aproximações entre os dois escritores, destacamos essa sintonia com a linguagem das ruas. João Antônio nutria uma grande admiração por Lima Barreto, e tal admiração aparece como dedicatória nas várias obras em que este é destacado como o pioneiro. Lima Barreto foi pioneiro ao retratar o homem do subúrbio, ao falar da sua gente. Seu estilo jornalístico e sem artifícios antecipou o Modernismo, e é provável que João Antônio sabiamente tenha intuído essa particularidade. Ambos os escritores, ao esboçarem literariamente sua percepção do mundo, deram voz às ruas, numa constante luta para que a vida continuasse ocupando o lugar central da cena.

## REFERÊNCIAS

ANTÔNIO, João. *Malagueta, Perus e Bacanaço*. São Paulo: Editora 34, 2020.

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto: 1881-1922*. 11. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

BARRETO, Lima. *Diário íntimo: memórias*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

BARRETO, Lima. *Contos completos de Lima Barreto*. Organização de Lilia Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BARRETO, Lima. *Impressões de leitura e outros textos críticos*. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2017.

BARRETO, Lima. *Os bruzundangas / Numa e a ninfa*. São Paulo: Carambaia, 2017.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CHAGAS, Gabriel. A língua dos anjos caídos não se ouve no Brasil: uma leitura decolonial do conto “O Moleque”, de Lima Barreto. *Revell*, v. 2, n. 32, p. 53-78, 2022. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/7047/5242>.

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2017.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Dois narrativas fantásticas: a dócil e o sonho de um homem ridículo*. Tradução de Vadim Nikitin. São Paulo: Editora 34, 2003.

FRANK, Joseph. *Dostoiévski: as sementes da revolta, 1821-1849*. Tradução de Vera Pereira. São Paulo: Edusp, 1999.

KALIFA, Dominique. *Os bas-fonds: história de um imaginário*. Tradução de Márcia Aguiar. São Paulo: Edusp, 2017.

ORNELLAS, Clara Ávila. *João Antônio, leitor de Lima Barreto*. São Paulo: Edusp, 2011.

SCHWARCZ, Lília. M. *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criações culturais na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

**Andreia Aparecida Pantano** é Doutora em Letras (câmpus de Assis), Mestra e Graduada em Filosofia (câmpus de Marília) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP).

**Francisco Cláudio Alves Marques** é Professor Associado no Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), câmpus de Assis. Livre-Docente em Letras pela UNESP. Pós-Doutor em Letras pela Università degli Studi di Roma La Sapienza, Itália. Doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada, Mestre em Língua e Literatura Italiana e Bacharel e Licenciado em Letras Português/Italiano pela Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras da Universidade de São Paulo (USP).

**Como citar:**

PANTANO, Andreia Aparecida; MARQUES, Francisco Cláudio Alves. Lima Barreto e João Antônio: rastros de uma literatura à margem. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 20, n. 1, jan./jun. 2024. Disponível em: [pem.assis.unesp.br](http://pem.assis.unesp.br).